

TRAÇOS DE MODERNIDADE NA OBRA DE DANTE ALIGHIERI

MODERNITY TRAITS IN DANTE'S WORK ALIGHIERI

Marcela Ferreira da SILVA¹

Resumo: O presente trabalho observa traços da modernidade literária dos séculos XIX e XX, antecipados na obra do poeta italiano, inserido no século XIV, Dante Alighieri. Dentre as muitas características identificadas como modernas, Dante apresenta três, em particular, que merecem atenção porque perpassam diacronicamente a Modernidade: a reconfiguração do herói, a concepção de tempo moderno e a mescla estilística.

Palavras-chave: Dante Alighieri. Modernidade. Poética.

Abstract: This paper points out features of modern literature of the nineteenth and twentieth, early in the work of the Italian poet, inserted in the fourteenth century, Dante Alighieri. Among the many features identified as modern, Dante has three in particular deserve attention because diachronically permeate the Modernity: the reconfiguration of the hero, the design of modern time and the stylistic mix.

Keywords: Dante Alighieri. Modernity. Poetics.

Considerações iniciais

Compor o Quixote no início do século XVII era uma empresa razoável necessária, quem sabe fatal; nos princípios do XX, é quase impossível. Não transcorreram em vão trezentos anos, carregados de completíssimos fatos. Entre eles, para citar um apenas: o próprio Quixote. (Borges, 1972)

Na epígrafe que ora inicia essa discussão, Jorge Luis Borges apresenta uma concepção de literatura, em que o texto literário é tributário de uma tradição e de um contexto, com os quais dialogam. No conto *Pierre Menard Autor de Quixote*, Borges (1972) ficcionaliza o sistema literário com todos os seus elementos constitutivos: autor, recepção, contexto de produção e circulação, tradição, instituindo alguns questionamentos a respeito do que configura um texto de literatura. No conto, um escritor do início do século XX assume para si a tarefa de escrever, mas sem copiar, linha por linha a célebre obra de Miguel de Cervantes. Contudo, o Quixote de Menard

¹ Doutoranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação de Goiás. Agência de Fomento: Universidade Federal de Goiás. Endereço eletrônico: marcelaferrerasantana@gmail.com.

não encontra o público tampouco a recepção crítica do Quixote de Cervantes. Quando morre sequer é lembrado por essa empreita.

Partindo desse princípio borgiano, é possível afirmar que a obra literária dialoga, nem que seja para negar, com a tradição e com o contexto, nos quais se inserem. É nessa perspectiva que esse trabalho aborda a obra de Dante Alighieri (1265-1321), um dos mais importantes autores da literatura, restringindo a análise sobre a *Divina Comédia* e sobre a *Vida Nova*, a fim de observar como o contexto do século XIV contribuiu para a antecipação de tópicos, que, mais tarde, foram exploradas pela Modernidade literária dos séculos XIX e XX, como por exemplo, a configuração do herói, o hibridismo dos gêneros e a concepção do tempo histórico. Apesar de estar inserido numa sociedade medieval, Dante sente as mudanças sociais e culturais desse contexto que, paulatinamente, começa a engendrar uma sociedade dita moderna, na qual a concepção do indivíduo é o seu suporte ético formador. Sensível a essas mudanças, Dante as transforma em aspecto estético, incorporando uma concepção de homem, embrionária da concepção de indivíduo que marcará toda a Modernidade.

Além desses dois textos citados anteriormente, a obra completa de Dante também conta com *Monarquia*, *Convívio* e algumas epístolas, textos esses que não serão abordados nessa discussão, mas que merecem ser lembrados pela grandiosidade do trabalho do poeta de Florença. Dante Alighieri é considerado um dos maiores poeta da tradição literária ocidental, cuja obra consiste na síntese do espírito medieval. No entanto, como já foi dito, antecipa algumas características consideradas modernas.

Dante, um poeta de seu tempo e além de seu tempo

Cristiano Martins (1979), um dos principais tradutores da obra de Dante no Brasil, faz um estudo de cunho biográfico e literário do poeta e constrói um retrato do contexto histórico, no qual, a Itália estava inserida em meados do século XIII e início do XIV, período em que viveu Dante (1265-1321). Desse estudo é possível compreender a concepção de mundo medieval vigente, dominado pela Igreja e pelo Império Romano, mas que dava azo de desestabilização com o surgimento das instituições modernas: o novo Estado burocrático, a decadência da aristocracia, o cientificismo e o crescimento das cidades.

Essas conturbações na política e em outras esferas sociais são sentidas na obra de Dante ao se vincular à tradição greco-romana como convenção estética e, imbricados nessa tradição, apresentar alguns traços da estética moderna. Entre outros aspectos, o princípio da imitação aos clássicos como modelo distancia Dante da Modernidade e o insere numa estética clássica. Sua

filiação e respeito ao poeta romano Virgílio, a evocação das Musas e de outras entidades e personalidades da cultura greco-romana, sobretudo a referência explícita a Aristóteles fazem da *Divina Comédia* uma obra prima medieval. Eis essa reverência aos modelos clássicos nos versos iniciais da mesma:

Ó Musas, estendei-me a vossa influência!
 Ó mente, em que o que vi se refletia,
 possas ora mostrá-lo em sua essência.
 (Inf., II, 7/12)

A convenção estética valorizada na época de Dante se baseava no princípio da imitação aos modelos clássicos e na obediência à divisão dos gêneros segundo a *Poética* de Aristóteles. Além disso, Dante também adota o “doce estilo novo”, em voga naquele momento, também chamado de estilo provençal, que incorporava o idioma vulgar, traços da cultura cristã e a idealização da figura feminina, entre outros aspectos da estética medieval:

Adotava, como era natural, o maneirismo das escolas em voga, profundamente influenciados pelo estilo provençal. O lirismo contemporâneo refletia fielmente, quando não exacerbava, aquela concepção medieval e cavalheiresca do culto à mulher, a qual era exaltada num plano de idealidade e sublimação. (MARTINS, 1979, p.40)

Essa visão idealizada da mulher é percebida, sobretudo, em *Vida Nova* e no Paraíso, terceiro reino da *Comédia*, com a elevação da imagem de Beatriz, a grande inspiração do poeta. Não se sabe ao certo se Beatriz também foi uma personalidade da aristocracia florentina. O fato é que Dante a coloca num plano elevado, perpassando sua obra como musa inspiradora e sugerindo que ela tenha sido, além de personagem, uma pessoa real muito importante para o poeta. Analisada em um conjunto, a obra de Dante incorpora a visão de mundo do homem medieval que vê na fé e não na razão ou no cientificismo, como os modernos, a explicação para o universo.

Na Modernidade, numa relação homóloga ao liberalismo, a originalidade passa a ser um princípio estético de substituição da imitação de modelos clássicos pela instauração de uma estética pautada na mudança. Isso não significa dizer que Dante não fosse original e elaborado, trata-se de uma convenção estética em vigor na literatura do período medieval, cuja concepção de mundo pode ser muito bem explicada na imagem de Bertrand Chartres, datada do século XII, nos vitrais da Catedral: “O anão em pé sobre os ombros do gigante pode ver mais longe que o próprio gigante” (CHARTRES apud LE GOFF, 1993, p. 25).

Os anões são os contemporâneos do século XII e os gigantes representam a tradição. Os contemporâneos são grandes e veem mais longe porque estão sustentados por uma tradição. Esse

é o primeiro estágio da Modernidade, – em que ainda não há a noção de ruptura com o passado –, definida por Arnold Hauser (2003) de “Pequena Renascença” e por Jacques Le Goff (1993) de “Modernidade do século XII”.

Considerando que uma era não surge da noite para o dia, Dante se insere num momento de transição, em que o *modus vivendi* medieval vai, paulatinamente, sendo substituído pelo moderno, culminando no Romantismo do século XIX e chegando ao ocaso com as vanguardas do século XX, segundo Octavio Paz (1984). O Romantismo é o primeiro movimento estético essencialmente moderno, porque vai refutar os modelos clássicos e valorizar sobremaneira o imaginário local, o individualismo, a língua e a visão de mundo do contemporâneo, além de incorporar o cientificismo e a razão, mesmo que por meio da negação de seus princípios, como paradigma ético que sustenta a explicação do universo.

Apesar de não se vincular ao movimento romântico, talvez devido à inexpressividade desse movimento na França, o poeta Charles Baudelaire também foi muito importante para consolidar, nas artes, as convenções estéticas de base moderna. No seu ensaio “O pintor da vida moderna”, publicado em meados do século XIX, o poeta cria o termo “modernité” para designar a contemporaneidade dos pintores e poetas, considerados menores pela tradição, e para elogiar essa atualidade tanto nas formas quanto nos temas que os mesmos utilizavam em suas obras, a fim de representar o homem e o mundo de sua época, negando que a beleza, digna de ser representada artisticamente, estava na tradição.

Desse modo, o conceito de modernidade sempre existiu nas mais diversas sociedades. Moderno, “grosso modo”, significava atual, contemporâneo. Apenas no século XIX que o conceito de moderno recebe uma conotação positiva, fundado na ideia de revolução, de novidade e de ruptura:

Em todas as sociedades as gerações tecem uma tela feita não só de repetições, como de variações; e em todas elas realiza-se, de um modo ou de outro, aberta ou veladamente, a ‘querela dos antigos e dos modernos’. Há tantas ‘modernidades’ como épocas históricas. No entanto, nenhuma sociedade nem época alguma denominou-se a si mesma *moderna* – salvo a nossa. (PAZ, 1984, p.39)

Na acepção de Octavio Paz (1984), a Modernidade, que se inicia a partir do contexto de Baudelaire e do Romantismo, modifica não só a concepção de indivíduo como também as formas de organização social e de produção da cultura. Com o surgimento da técnica, com o crescimento das cidades, com a ascensão da burguesia e do liberalismo capitalista, novas formas de produzir a cultura aparecem revelando a visão de mundo das novas classes em ascensão. Consequentemente, o conceito de literatura se modifica fazendo surgir novos gêneros. A epopeia,

a tragédia e os gêneros clássicos deixam de existir ou se reconfiguram para dar lugar aos novos gêneros, como o romance e o conto, que têm como pressuposto a negação dos clássicos e a inserção do homem comum.

Essa Modernidade não quer mais ser sustentada pela tradição, ao contrário, no intuito contínuo de instaurar o novo, questiona e destrói a supremacia dos valores tradicionais. Octavio Paz (1984) analisa esse fenômeno moderno e afirma que se construiu, desde o século XIX até à contemporaneidade, uma tradição da ruptura, paradoxalmente, denominada tradição moderna.

Erich Auerbach (2007, p. 296), ao analisar a recepção de Dante no Romantismo, postula essas duas facetas do poeta: “[...] convergências de forças vivas dos povos jovens e do legado de idéias e concepções quase espectralmente petrificadas.” Se, por um lado, Dante é um homem essencialmente medieval, logo, tributário de uma tradição, por outro, é fundador das principais tópicos modernas.

Essas tendências modernas podem ser percebidas por meio da rechaça que os humanistas e os iluministas empreenderam em relação ao poeta florentino. Eduardo Sterzi (2008) observa as características que distanciam Dante da estética neoclássica:

Dante era *misturado* demais – *vulgar* demais, *complexo* demais – para o gosto ‘humanista’ e, depois, ‘iluminista’: em sua obra, as tendências de pensamento mais conflituosas coexistem numa mesma sequência de versos, as temporalidades mais diversas se encontram em choque, imbricam-se sem conciliar, interpelam-se e questionam-se umas às outras.[...] só alcançou legibilidade nos séculos XIX e XX: sem medo de anacronismo, pode-se dizer que sua obra é, em alguma medida, um fenômeno romântico e moderno. (STERZI, 2008, p.16)

Dessa forma, Dante, tanto na *Comédia* quanto em *Vida Nova*, antecipa algumas das características estéticas mais valorizadas na Modernidade, porque são elas que distinguem o moderno do século XIX das outras concepções de ‘modernidades’: a ruptura estabelecida no que diz respeito à configuração do herói, ao hibridismo dos gêneros ou mescla estilística e à concepção de tempo moderno.

O poeta como herói na *Divina Comédia* e em *Vida Nova*: prelúdios do (anti)herói moderno e da mescla estilística

A *Divina Comédia* é, sem dúvida, a obra mais relevante de Dante Alighieri. Trata-se de uma epopéia que narra em primeira pessoa e em versos – distribuídos em estrofes de três versos –, a aventura do poeta pelos três reinos do mundo dos mortos, segundo a concepção cristã: Inferno, Purgatório e Paraíso respectivamente: “Em meio a estrada dessa vida/ achei-me caminhar por

uma selva escura” (Inf. I, 1/2). Guiado por Virgílio e protegido por Beatriz e Santa Lúcia, o poeta embrenha-se por essa selva escura e, resgatado por Virgílio, é levado a esses três reinos do além-vida, para narrar as aventuras e as desventuras daqueles que já morreram. Pessoas de todas as épocas e entidades míticas do imaginário pagão e cristão povoam, todos juntos, o mundo dos mortos.

Vida Nova, por sua vez, consiste em uma antologia de sonetos, escritos para enaltecer sua amada Beatriz. Concomitante aos sonetos, essa obra também apresenta episódios narrativos e críticos, em que o poeta explica a feitura dos poemas. Trata-se de uma espécie de “metapoesia”, narrando como ocorreu ao poeta a inspiração de escrever tais versos. Tanto em uma como em outra, têm-se a reconfiguração do herói épico e o hibridismo dos gêneros.

Michail Bakhtin (1997) afirma que, na Antiguidade clássica e mesmo na era de ouro da literatura romana e no Classicismo do século XVIII, o que se constitui como valor elevado de literatura tomava como base os gêneros prescritos na *Poética* de Aristóteles. Com o advento da Modernidade, o romance desenvolve e ascende como gênero ideal para representar as visões de mundo que se fundamentam na ruptura e no transitório, princípios valorizados pelo pensamento moderno.

A lenda nacional, o herói elevado e o passado absoluto aparecem como elemento formal-conteudístico inquestionável e imprescindível para a constituição da epopeia. Numa perspectiva tradicional da narrativa, a verossimilhança era alcançada pela representação de uma história já conhecida, pertencente a uma lenda nacional: as histórias de Aquiles, Ulisses, Eneias e mesmo Édipo faziam parte do imaginário do povo na cultura greco-romana. Ao poeta não era necessário inventar uma história nova, pois todas as representações dignas do nome de poesia já haviam sido repertoriadas. Os heróis dos gêneros clássicos, como a tragédia e a epopeia, eram sempre seres superiores aos homens comuns e forneciam um modelo de conduta e de verdade que nenhuma outra retórica poderia destituir-lhes esses caráter elevado, por isso, esses heróis apresentam características rígidas, assim como a língua que o representa:

O mundo épico conhece uma só e única concepção de mundo inteiramente acabada, igualmente obrigatória e indiscutível para os personagens, para o autor e para os ouvintes. O homem épico está igualmente desprovido de iniciativa lingüística; mundo épico conhece uma só e única língua constituída. (BAKHTIN, 1997, p.423)

Já o romance, gênero moderno por excelência, configura-se pelo plurilinguismo, ou seja, é constituído pela visão de mundo e pela linguagem do homem moderno, dando uma nova configuração ao herói clássico, ser pertencente ao universo das lendas. O herói moderno está mais para um anti-herói, destituiu o homem elevado da epopeia para dar lugar ao homem

contemporâneo. Por ser essencialmente epistemológico e contraditório, o mundo moderno questiona a noção de verdade absoluta e o passado deixa de ser visto como modelo a ser seguido e passa a ser problematizado em função da investigação científica. O novo ganha uma conotação positiva e nenhuma retórica pode se sustentar como verdadeira por muito tempo, pois é passível de ser questionada por uma visão mais atualizada, mesmo que efêmera, de verdade.

O romance é o gênero desse mundo aberto e de retóricas móveis. No romance, os eventos narrados têm como base uma experiência pessoal, trata-se da representação de um homem comum, nem superior, como na epopeia e na tragédia, nem inferior, como na comédia. O homem comum é aquele que pode mudar com a passagem do tempo e essa mudança nem sempre precisa ser positiva. Ian Watt (1990) também analisa o romance enquanto gênero do mundo moderno e observa que, na visão antiga, a Natureza fornecia em seus relatos (bíblicos, lendários, mitológicos ou históricos) um repertório em definitivo da experiência humana, no romance, ao contrário, privilegia-se uma representação da experiência partindo do pressuposto de que ela é única e não está repertoriada, de modo que os gêneros preestabelecidos e as convenções formais acabadas não conseguem representar essa pluralidade e incertezas da experiência individual. Como fruto da imaginação criadora, no romance,

[...] os agentes do enredo e o local de suas ações deviam ser situados numa nova perspectiva literária: o enredo envolveria pessoas específicas em circunstâncias específicas, e não, como fora usual no passado, tipos humanos genéricos atuando num cenário basicamente determinado pela convenção literária adequada. (WATT, 1990, p.17)

O herói ou anti-herói romanesco é o homem comum, sem grandes feitos, o homem na multidão: Raskolnikov, estudante de São Peterburgo, em *Crime e Castigo*; Emma Bovary, mulher solitária e ingênua do interior da França, em *Madame Bovary*; Elizabeth Bennet, jovem inglesa que encontra o amor, em *Orgulho e preconceito*; Brás Cubas, solteirão burguês do Rio de Janeiro, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Independentemente da localidade, Rússia, França, Inglaterra ou Brasil, o escritor moderno passou a representar esse homem cidadão, trivial, muito distante do homem lendário ou mítico da tragédia ou da epopeia. No romance, é o indivíduo livre e igual que ganha espaço. Pelo menos isso é observável no romance de formação, do final do século XVIII, do século XIX e mesmo do início do século XX.. A partir de meados do século XX, é possível perceber novas conotações de indivíduo que vêm questionando essa concepção heróica do individualismo, esboçando, assim, novas possibilidades de interpretação. O que não significa dizer que essa concepção não tenha sido fundamental para constituir a visão de mundo na Modernidade.

Desse modo, a língua que representa esse homem moderno e suas múltiplas formas de ver o mundo também aparece de forma livre de princípios estéticos predeterminados. De acordo com Bakhtin (1997, p. 399): “O romance parodia os outros gêneros (justamente como gênero), revela o convencionalismo das suas formas e da linguagem, elimina alguns gêneros e integra outros à sua construção particular, reinterpretando-os e dando outro tom.” Se a retórica que o romance incorpora não se apresenta como única e aceitável para explicar o mundo, tampouco a linguagem do romance poder ser definida como gênero fechado. Nesse sentido, a perspectiva de Bakhtin (1997) dialoga com a de Borges (1972), citado na epígrafe. Ambos apresentam uma concepção de literatura como uma prática discursiva histórica, inserida em um contexto, cujas possibilidades de produção, recepção e circulação vão produzir textos com temas e formas específicos.

Em Dante, por sua vez, a Modernidade literária se apresenta no distanciamento do homem representado nos gêneros aristotélicos e na aproximação com o homem romanesco. Do ponto de vista do herói clássico, Dante se aproxima do homem narrado nos *mimos* aristotélicos, narrativas de homens nem superiores, nem inferiores, que mais tarde ganhará relevância com o romance. Em muitos momentos da *Divina Comédia*, o poeta sente medo e desmaia: ao chegar ao rio Caronte, ao ouvir a história de Francesca e Paulo, diferenças entre o herói clássico e o cristão, renunciando uma forma moderna de narrar o homem, apresentando-o também em suas fragilidades. Dante também não usa armas nem astúcias comuns aos guerreiros representados nas epopeias antigas. Como cristão, ele recusa a guerra, o combate e a violência.

Segundo Auerbach (2007, p. 310): “Todos os artistas modernos sentiram-se inclinados a dramatizar a si mesmos. O processo artístico requer uma elaboração dos temas, um processo de seleção, que enfatiza certos aspectos da vida interior do artista e deixa outros de lado”. Dante antecipa essa característica porque ele é o próprio herói da *Divina Comédia* e da *Vida Nova*. O poeta narra e vive as ações concomitantemente.

Diferentes dos heróis épicos da literatura clássica, Dante não usa espadas, tampouco estratégias de guerras como Aquiles ou Ulisses. Ele vê sua Itália diante dos domínios da França, metaforizada pela imagem da loba – um dos três animais que o impele a entrar na selva escura, no início da *Comédia* –, e não consegue libertá-la. Na epopeia clássica, a superioridade dos homens se faz pela guerra, pela defesa da pátria e do povo. Na *Comédia*, a defesa da pátria se faz pela ação de narrar, lembrando o gênio/*vate* romântico que não possui nenhum tipo de poder, econômico ou político, exceto o de conseguir ver com sua sensibilidade genial a poesia do mundo. Dante é um homem superior, porque é intelectual e sábio, do mesmo modo que os românticos, e, assim como eles, estão à margem da sociedade. Quando escreve a *Divina Comédia* encontra-se exilado de

sua terra natal, devido às questões políticas, nas quais o poeta se envolveu ao longo de sua vida, sem nunca assumir algum poder de fato. Embora, tenha sido militar em vida, no texto poético, Dante não tem os atributos de guerreiros, como Enéias, Aquiles ou Ulisses, sua capacidade de lutar se mostra no exercício da palavra poética. A referência a Virgílio é uma metáfora dessa força reparadora do poeta, cujas armas são palavras.

No texto de Dante, a noção do individualismo ganha força no questionamento da predestinação. Ninguém está pronto. É o caminho e as escolhas terrenas que fazem o destino, em um dos três reinos além-vida. Francesca de Rimini e seu amante estão no Inferno, porque foram adúlteros durante a vida terrena e não se arrependeram dos pecados; os traidores do último círculo infernal, Judas, Brutus e Lúcifer, estão aí sofrendo os piores castigos, porque para o pecado cometido não havia perdão; Cangrande, senhor de Verona que tanto ajuda Dante em vida, está no Paraíso, porque foi bom e solidário; enfim todas essas personagens criadas pelo poeta representam indivíduos livres para fazer suas escolhas e são elas que determinam o futuro.

Além disso, a mescla estilística aparece na *Comédia* por meio da reconfiguração dos gêneros poéticos clássicos: com a narrativa em primeira pessoa, característica do lírico; a inserção do tempo do romance: a contemporaneidade; uma narrativa épica que se intitula ‘Comédia’. Segundo Auerbach (2007), esse dado já havia sido apontado pelos românticos do século XIX:

À pergunta pelo gênero da *Comédia*, responde [Friedrich Schlegel] dizendo que gênero ela não tem, é comparável apenas a si mesma; a identidade de todo o tempo, ou de toda a época, de Dante é o seu conteúdo. E o cerne de todo o problema ele só o ataca quando declara o mundo moderno, de cuja poesia a *Comédia* é profética e exemplar. (AUERBACH, 2007, p.298 -grifo meu)

Em *Vida Nova*, o eu, que narra e poetiza, também se aproxima do herói do romance moderno e se distancia tanto do herói da tragédia como da epopeia. No excerto a seguir, tem-se a narrativa da primeira vez que Dante vê Beatriz e é possível perceber a valorização do amor cortês para o homem medieval, tópica reutilizada pelos românticos e que vai expressar a força do individualismo:

Nove vezes já, depois do meu nascimento, tornara o céu da luz quase a um mesmo ponto, quanto a sua própria giração, quando aos meus olhos apareceu primeiro a gloriosa senhora da minha mente, a qual foi chamada por muitos Beatriz, que não sabiam senão assim chamar-lhe. [...] Apareceu vestida de nobilíssima cor, humilde e honesta, sanguínea, cingida e ornada à guisa que à sua juveníssima idade convinha.” (*Vida Nova*, p.91)

A supervalorização do amor cortês é analisada por Watt (1990) e entendida como expressão do individualismo moderno. O mundo aristocrático tinha sua base social sustentada no casamento entre os membros de famílias nobres. Gritar em favor do amor é afirmar o poder da

escolha, da vontade do indivíduo sobre a classe. Esse princípio é percebido em Dante, sobretudo nos seus sonetos, assim como é notado também em obras de William Shakespeare.

Além desses aspectos temáticos, cujo objetivo é celebrar o amor, *Vida Nova* também apresenta no nível da estrutura a mescla dos gêneros, aparecendo de forma mais explícita que na *Comédia*. O hibridismo dos gêneros apresenta-se na mistura de aspectos próprios do estilo romanesco, do ensaístico-crítico e do lírico. Bakhtin (1997, p. 399) identifica no romance moderno um anti-gênero, exatamente, porque parodia os diferentes gêneros e nega qualquer modelo preexistente de poesia. Essa característica moderna é apresentada também em *Vida Nova*.

E, pensando, me sobreveio um sono suave, no qual tive uma visão maravilhosa: parecia-me ver no quarto uma névoa da cor do fogo, dentro da qual eu discernia a figura de um senhor cujo aspecto causava medo a quem olhasse; [...] Nos seus braços, parecia-me ver uma pessoa dormir nua, apenas ligeiramente envolta num pano sanguíneo, a qual, olhando muito atentamente, conheci ser a mulher da saudação, que no dia anterior eu me dignara saudar. E numa das mãos me parecia segurar alguma coisa, que ardia toda; [...] que a fazia comer o que lhe ardia na mão e que ela comia receosa.” (*Vida Nova*, p. 93)

No excerto supracitado de *Vida Nova*, é narrada a segunda vez que o personagem-poeta encontra Beatriz numa rua e, depois de vê-la, tem essa visão ou alucinação. A imagem de Beatriz nua, envolta num tecido vermelho e adormecida lembra o *topoi* romântico da representação do feminino. Além disso, a concepção de arte aqui destoa do racionalismo clássico e se aproxima do romântico, a partir da evocação do sono e do sonho. É nessa segunda dimensão pessoal, subjetiva e não à luz da realidade verossímil que a arte é criada. Em sequência a essa narrativa, o texto traz o soneto que foi inspirado pela segunda visão de Beatriz pelo poeta.

Vós, que a via de Amor vejo seguir,
Procurai distinguir
Se há dor alguma, quanto a minha, grave:
E consenti apenas em me ouvir,
Para então decidir
Se não sou da desgraça abrigo e chave.

Amor, não pelo bem que em mim se vir,
Mas que nele existir,
Pôs-me em vida tão doce e tão suave
Que escutei, muitas vezes, proferir:
‘Por que o vejo sempre ir,
Contente, sem tristeza que o agrave?’

Agora já perdi minha ousadia,
Que somente em amor tinha razão;
Infeliz dizer quão
Permaneço, difícil me seria.

Assim, por ser me esforço como o são

Os que escondem a sua vilania
 Sou por fora alegria
 E por dentro amargor no coração.
 (*Vida Nova*, p. 97).

Esse soneto é anterior ao petrarquiano, por isso, apresenta seis versos nas duas primeiras estrofes e quatro nas duas últimas. Mesmo sendo um soneto, a estrutura é mais livre e sugere o tom da subjetividade do eu lírico que, por fora, parece estar alegre, mas, por dentro, sua subjetividade está amargurada devido ao afastamento da mulher amada. A diferença fundamental com o poeta romântico, nesse caso, é que os românticos não conseguem manter esse equilíbrio entre o fora e o dentro. O poeta romântico representa a Natureza de acordo com sua subjetividade, isto é, o espaço exterior reflete a alma interior.

No trecho que segue, tem-se uma tonalidade mais crítica e metarreferencial, em que o poeta explica os procedimentos empregados na construção do poema: “Esse soneto tem duas partes principais: na primeira, entendo chamar os fies de Amor [...], e pedir que consintam em ouvir-me; na segunda, narra onde o Amor me pusera, com outra intenção que as extremas partes do soneto não mostram”. (*Vida Nova*, p. 97). A mescla estilística, tão mais misturada do que como aparece em Dante, vai ser uma das principais características que marcará o romance, pela capacidade que tem de abarcar inúmeros outros gêneros na sua estrutura aberta. Se tomarmos, *Vida Nova* em conjunto fica difícil defini-la sob um rótulo: crítico, ensaístico ou poético. Entretanto essa mistura dos gêneros aparece muito mais ordenada, organizada que nos gêneros modernos, de modo que o que se percebe em Dante é uma aproximação com os modernos, visto que ele antecipa as principais características que, por definição, determinam a modernidade literária tanto nos temas quanto nas formas.

Segundo Auerbach (2007, p. 309), apenas na Modernidade, com a desestabilização da hierarquia dos gêneros e dos temas, “[...] tornou-se possível abordar com seriedade temas que até então pertenciam à categoria média ou baixa”. Isso porque o herói deixa de ser a entidade das lendas e passa a ser o homem contemporâneo, bem como, o tempo deixa de ser o passado absoluto (BAKHTIN, 1997) e passa a ser o tempo moderno ou histórico, com um início, um meio e um fim.

A concepção de tempo moderno e a *Divina Comédia*

Segundo Octavio Paz (1994), a Modernidade surge numa sociedade cristã, porque é tributária de uma concepção de tempo histórico, portanto, diferente da concepção de tempo clássico.

A modernidade é um conceito exclusivamente ocidental e não aparece em nenhuma outra civilização. O motivo é simples: todas as outras civilizações postulam imagens e arquétipos temporais, dos quais é impossível deduzir, inclusive como negação, nossa idéia de tempo. [...] A sociedade cristã medieval imagina o tempo histórico como um processo finito, sucessivo e irreversível. (PAZ, 1984, p.44)

A concepção de tempo nas civilizações antigas se baseava numa perspectiva naturalista: “[...] segundo a qual o tempo era visto no espelho da mudança cíclica das estações, na alternância interminável entre dia e noite, ou nos ciclos reprodutivos de nascimento, morte e novo nascimento. [...] Havia mudança, mas não novidade.” (KUMAR, 1997, p. 80). É com o cristianismo que se modifica a concepção do tempo naturalista e institui o tempo moderno, a partir de uma visão escatológica da história, em que tudo se projeta para o futuro, para sua consumação. Dante representa bem essa concepção de tempo ao inserir na *Divina Comédia* esse tempo escatológico.

De acordo com Paz (1994), a idéia do moderno foi engendrada no interior da cultura cristã ao destruir a visão do tempo cíclico dos antigos e instaurar uma linearidade temporal, tendo um início, com a criação de Adão e Eva; um meio, com a vinda e morte de Cristo; e um fim, com o Juízo Final. Após esse fim, ainda, há um não-tempo com a Eternidade, a qual pode ser um prêmio, Paraíso, ou uma punição, Inferno. Muito bem representado na *Comédia*.

A Idade Moderna começa com a crítica à Eternidade cristã e com a aparição de outro tempo. De um lado, o tempo finito de cristianismo, com um começo e um fim, se converte no tempo quase infinito da evolução natural e histórica, aberto em direção ao futuro. De um lado a modernidade desvaloriza a Eternidade: a perfeição se traslada para o futuro, não no outro mundo, mas neste. (PAZ, 1993, p.36-37)

Dito de outro modo, a Modernidade substitui a noção do eterno pela do futuro, *locus* em que se podem alcançar todas as promessas de evolução, já que tudo se modifica com o tempo. Em Dante, essa crítica à Eternidade ainda não aparece, já que o poeta descreve mimeticamente os três reinos além da vida terrena. Embora Dante esteja inserido numa concepção um pouco mais medieval de tempo, com a *Comédia*, o poeta funda os primeiros conceitos de tempo que, mais tarde, configurarão todo pensamento moderno: progresso, desenvolvimento e futuro: “Concebemos o tempo como um contínuo transcorrer, um perpétuo andar para o futuro; se o futuro se fecha o tempo se detém.” (PAZ, 1984, p. 42).

Essa noção de tempo histórico/moderno é antecipada por Dante com a construção dos três reinos além da história: Inferno, Purgatório e Céu. Mas que são condicionados a partir da vida na Terra, porque antes de ter uma vida eterna, o ser precisa da vida terrena. As personagens

históricas da *Comédia*, Virgílio, Beatriz, Catão, Farinata, Bruneto Latino, Maomé, o conde Ugolino, entre outros estão em um dos três reinos devido às suas ações terrenas. Isso determina uma relação de dependência entre o presente, o passado e o futuro, entre a História e a Eternidade. Pode-se dizer que Dante está na gênese da formação do pensamento moderno em relação ao tempo. Segundo Paz (1984):

No mundo de Dante a perfeição é sinônimo de realidade consumada, assentada em seu ser. Tirada do tempo mutante e finito da história, cada coisa é o que é pelos séculos do séculos. Presente eterno que nos parece impensável e impossível. [...] Para Dante, o presente fixo da eternidade é a plenitude da perfeição.[...] Podemos dizer agora com alguma certeza que a época moderna começa no momento em que o homem se atreve a realizar um ato que teria feito Dante e Farinata tremerem e rirem ao mesmo tempo: abrir as portas do futuro. (p.43)

Dessa forma, o tempo como sucessão temporal só se tornou possível quando se conheceu o futuro e quando acreditaram que as ações do presente eram capazes de provocar mudanças nesse futuro, resultando numa interdependência entre passado, presente e futuro, muito diferente da visão dos antigos em que o tempo era cíclico e nenhuma ação humana poderia interferir no destino dos homens. Tomando como exemplo a famosa tragédia grega de Édipo, numa concepção cíclica de tempo, nada que ele fizesse mudaria seu futuro, seu destino.

A compreensão do tempo naturalista ou cíclico não concebia a possibilidade de mudança no destino. Isso só aconteceu com a Modernidade. Surgiu no Humanismo ou nessa Modernidade do século XII, como afirma Le Goff (1993) e se consolidou com as inovações culturais e tecnológicas dos séculos XVIII, XIX e XX. O homem, a partir do individualismo, é responsável pelo próprio destino.

A concepção antiga do tempo naturalista é cíclica e, por isso, pressupõe um estado de coisas que nada é capaz de mudar, nem mesmo o tempo. Tudo volta ao que era antes, quando acaba o ciclo, ele recomeça de novo. O tempo, então, é fechado, circular. Como na natureza, tudo volta ao mesmo lugar de origem. Em Dante, as ações humanas podem provocar mudança no destino. O tempo recebe uma nova conotação: o homem não pode parar o tempo, mas pode se modificar com o tempo e provocar transformações em seu destino. São suas ações terrenas que determinam sua salvação ou condenação em um dos reinos da Eternidade.

Há, na terra, um tempo linear e sucessivo, com um início, um meio e um fim. Dante está em meio ao caminho dessa vida quando se perde na selva escura. A Eternidade ou os três reinos estão em um não-tempo. Isso pode ser percebido por meio das personagens que povoam os três reinos. Por exemplo, estão no Inferno: Farinata, Bruneto Latino, ambos da época de Dante, mas também estão Judas, Ulisses personalidades da cultura cristã e grega antiga, respectivamente.

Nesse sentido vale ressaltar que no Purgatório, há um transcorrer de tempo, em que é possível modificar o estado das coisas, pois, quem conseguir vencer as provações pode alcançar o Paraíso. Mas no Inferno e no Paraíso, o tempo não é capaz de modificar as coisas. Não há esperança para quem está no Inferno, como não há lamentações no Paraíso.

Essa noção linear e progressiva do tempo, antecipada por Dante a partir da interdependência entre as ações terrenas e a Eternidade, aliada à força do indivíduo, em que a salvação depende das ações individuais e não mais da casta, da classe ou da predestinação, foram responsáveis por constituir uma base ideológica que modificaria política, social e subjetivamente todo o mundo ocidental, modificando a estrutura do mundo medieval e possibilitando o desenvolvimento da Modernidade.

Considerações finais

Para Michail Bakhtin (1997, p. 370): “as representações das linguagens são inseparáveis das visões de mundo e seus portadores vivos, pessoas que pensam, falam e atuam em condições históricas e sociais concretas.” Dessa forma, se por um lado não se tem em Dante uma total negação das convenções estéticas clássicas, como se tem no Romantismo e em Baudelaire, por outro, imbricado nessa concepção medieval, o autor apresenta aspectos que o inserem na gênese de um processo que culminará na Modernidade literária dos séculos XIX e XX.

As mudanças no *modus vivendi* advindas com a Modernidade provocam transformações nos aspectos estéticos de cada texto literário, mas podem ser sentidas ainda em textos anteriores, já que as transformações sociais e históricas acontecem de forma paulatina. A literatura é um instrumento privilegiado de perceber essas mudanças, visto que ela é expressão da linguagem constituída historicamente no processo da interação social.

Referências

- ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006.
- _____. *Vida Nova*. São Paulo: Martin Claret. 2003.
- AUERBACH, Erich. A redescoberta de Dante pelo Romantismo. In: _____. *Ensaio de literatura ocidental*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2007. p. 289-302.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: EDUNESP, 1997.
- BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard autor de Quixote. In: _____. *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1972.
- HAUSER, Arnold. *A história social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins, 2003.
- KUMAR, Kristan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais da Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

- MARTINS, Cristiano. A vida atribulada de Dante Alighieri. In: ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006. p. 23-97.
- PAZ, Octavio. *Os filhos do Barro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *A outra voz*. São Paulo: Siciliano, 1993.
- STERZI, Eduardo. *Por que ler Dante*. São Paulo: Globo, 2008.
- WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Chegou em: 16-01-2017

Aceito em: 01-03-2017